

# Karl Marx e a questão Educacional

José Euzébio de oliveira Souza Aragão<sup>1</sup>

Emerson Francisco de Souza<sup>2</sup>

## RESUMO:

O presente artigo traz uma reflexão acerca da importância em demonstrar como as ideologias marxistas podem contribuir com a educação nos dias atuais e se manifestam na busca de uma consciência política coletiva pelos estudantes da educação básica, sendo assim, buscou-se refletir sobre a educação contemporânea nos aspectos políticos e institucionais. Esse é um trabalho pretensioso. Pretendendo analisar a contribuição de Marx para a questão educacional! É pretensão por vários motivos: primeiro por não dominar, e em segundo acreditar que sua contribuição no campo educacional que, embora seja objeto de alguma obra específica, é indissociável do seu pensamento econômico, social e político. Nesse âmbito, é bom frisar que as esparsas referências à educação e à “pedagogia” ficam aclaradas quando, além de contextualizadas historicamente, estão inseridas na sua interpretação crítica do sistema capitalista; terceiro, pela limitação bibliográfica. O presente trabalho foi construído sob uma metodologia baseada na coleta de dados bibliográficos, tendo sido utilizados livros e sites de pesquisas de autores como: Bobbio (2002); Freire (2009) e Marx (2001). Especificamente sobre o tema Marx/Engels e Educação existe o livro de Mario Alighiero Manacorda, “Marx e a Pedagogia Moderna”, e o Maria Alice Nogueira, “Educação, Saber, Produção em Marx e Engels”. O livro de Lucília Machado, “Politécnica, Escola Unitária e Trabalho”.

**Palavras – chaves:** Marx, Materialismos, Educação, emancipação e capitalismo

## ABSTRACT:

---

<sup>1</sup> Professor do departamento de Educação e do programa de Pós- graduação em Educação do Instituto biociências da Universidade Estadual Paulista Júlio Preste Filho (Unesp) Campos Rio Claro.

<sup>2</sup> Professor da rede estadual de ensino do estado de São Paulo, Professor da Faculdade Capital Federal (Fecaf ) doutorando em Educação Universidade Estadual Paulista Júlio Preste Filho (Unesp) Rio Claro.

This article brings a reflection on the importance of demonstrating how Marxist ideologies can contribute to education today and manifest in the search for a collective political awareness by students of basic education, thus, we sought to reflect on contemporary education. in the political and institutional aspects. This is pretentious work. Intending to analyze Marx's contribution to the educational question! It is pretension for several reasons: first because it does not dominate, and secondly to believe that its contribution in the educational field that although it is object of some specific work, is inseparable from its economic, social and political thought. In this context, it is good to emphasize that the sparse references to education and "pedagogy" are clarified when, besides being historically contextualized, they are inserted in their critical interpretation of the capitalist system; third, by the bibliographic limitation. The present work was built under a methodology based on bibliographic data collection, having been used books and research sites of authors such as Bobbio (2002); Freire (2009) and Marx (2001). Specifically on the theme Marx / Engels and Education there is the book by Mario Alighiero Manacorda, "Marx and Modern Pedagogy", and Maria Alice Nogueira, "Education, Knowledge, Production in Marx and Engels". Lucília Machado's book, "Polytechnic, Unitary School and Work".

**Key words:** Marx, Materialisms, Education, Emancipation and Capitalism

## INTRODUÇÃO

Grande parte dos discentes são oriundos da classe subalterna da sociedade, porém sabemos que essa realidade é pouco levada em conta na hora do desenvolvimento de uma proposta curricular.

Em suma, este artigo tem como objetivo demonstrar como as ideologias marxistas podem contribuir para termos uma educação política de qualidade e se manifestam na busca de uma consciência política coletiva pelos estudantes da Educação Básica, sendo assim, buscaremos refletir sobre a educação contemporânea nos aspectos políticos e institucionais a partir de uma visão materialista histórica e dialética .

## **REVOLUÇÃO INDUSTRIAL, TRABALHO E DIVISÃO DO TRABALHO.**

Uma grande transformação, o móvel do capitalismo, um avanço cumulativo, auto sustentado e interacional da tecnologia. Estamos aqui pensando e considerando de forma bem simplificada a questão do capital ao longo da história da humanidade, passando pelo idade média a relação de trabalho entre suserano e vassalo e até mesmo pelo processo da privatização da sociedade privada com surgimento da aliança entre o monarca e a burguesia. No entanto, a nova divisão do trabalho com o surgimento da revolução industrial a partir das matérias primas coloniais vinda da exploração imperialista das grandes nações temos uma nova forma de produção emergindo na sociedade principalmente ocidental uma nova forma de produção mais abruta e muito mais lucrativa.

A revolução Industrial, iniciada na Inglaterra por volta de 1760 e propagada por toda Europa Ocidental foi muito mais que inovações tecnológicas. Sem dúvida, o cerne dessa revolução foi uma sucessão inter-relacionada de mudanças tecnológicas: substituição das habilidades humanas por dispositivos mecânicos, a utilização de novas fontes de energia (principalmente a vapor) em lugar da força humana e animal e a melhoria marcante na obtenção e trabalho de novas matéria primas, em particular os minerais, que deram impulso à metalurgia e à indústria química.

As transformações tecnológicas encadearam transformações nos processos de produção e nas relações sociais conferindo um caráter social a essa revolução. Êxodo rural e urbanização, ampliação de mercados, com alargamento da rede do comércio internacional, e o surgimento do proletariado constituem-se algumas características dessa nova ordem.

Landes, (1994) ressaltando os aspectos positivos da Revolução industrial, coloca a industrialização, aspecto puramente tecnológico dessa revolução, dentro de um processo mais amplo e mais completo que domina como modernização.

A modernização, segundo Landes, abrange avanços como a urbanização, a redução acentuada das taxas de mortalidade infantil e natalidade em comparação com os níveis tradicionais, o estabelecimento de uma burocracia governamental eficaz bastante centralizada e a criação de um

sistema educacional capaz de formar e socializar as crianças. Para Landes todos esses elementos são interdependentes, mas a maturidade tecnológica é o único ingrediente indispensável à modernização.

Marx(1991) capta o sentido real das transformações geradas pela Revolução Industrial e a divisão técnica do trabalho, consubstancial ao processo de implantação do modo de produção capitalista, é o eixo sobre qual se articulam as colocações de Marx em torno do tema da educação e do ensino. A divisão do trabalho é, historicamente, exigida pelo processo do trabalho manufatureiro ou industrial.

Manacorda (1992) capta em Marx duas expressões distintas do trabalho, uma negativa e uma positiva. Negativamente o trabalho é uma coisa principal, o poder acima dos indivíduos: é o processo histórico da alienação, perdendo toda a aparência de manifestação pessoal. “O trabalho subsume os indivíduos sob uma determinada classe social, predestina - os, desse modo, de indivíduos a membros de uma classe: uma condição que apenas poderá ser eliminada através da superação da propriedade privada e do próprio trabalho”. Positivamente, o trabalho é, para Marx:

“um processo entre homem e a natureza, em que o homem realiza, regula e controla mediante sua própria ação, seu intercâmbio material com a natureza. A fim de apropriar-se da natureza material em forma útil a sua vida, o homem aciona as forças naturais que formam a sua corporeidade: braços, pernas, cabeça e dedos. E ao atuar desse modo sobre a natureza exterior a ele transformá-la, o homem transforma também sua própria natureza, desenvolve as potencialidades nele adormecidas e submete o jogo dessas forças ao seu próprio domínio”.  
(Marx,1991)

Nessa expressão o trabalho fica claro a sua dimensão histórica e sua concepção como “manifestação da essência humana”. Não há ruptura entre concepção e execução, entre trabalho manual e intelectual.

“a divisão do trabalho, portanto, dividiu o homem e a sociedade humana, mas tem sido a forma histórica do desenvolvimento da sua atividade vital, da sua relação-domínio sobre a natureza”.( Marx,1991)

Marx(1991), traça rápido esboço de seu desenvolvimento das formas mais simples aquelas gradativamente mais complexas e mais produtivas, mas igualmente mais contraditórias, até a formação da grande indústria que

“subsumiu as ciências naturais ao capital e tirou à divisão a última aparência do seu caráter natural”. (Monacorda, 1991).

A cooperação simples se traduz na reunião, no tempo e no espaço, de trabalhadores que executam operações conexas assentadas em uma base técnica ainda artesanal (...) esta forma de trabalho difere do artesanato em dois aspectos: no plano quantitativo, um aumento considerável da escala média de produção e, ao nível das condições de trabalho, intervenção das certas modificações no processo produtivo, notadamente a duração, regularidade e intensidade de trabalho.

Por sua vez, com esse aumento na escala de produção, impor-se a criação de postos de coordenação e de controle (incumbência ao capital) das atividades de produção (...). Observa-se uma perda parcial do controle sobre a produção que detinha outrora o trabalhador-artesão. E, no mesmo movimento, o desencadeamento do processo de separação as atividades de concepção e de execução. (...)

Um aprofundamento do movimento de separação das atividades de concepção/execução tem lugar com a manufatura, a qual é definida como a forma capitalista de cooperação baseada na divisão de trabalho. A divisão manufatureira do trabalho repousa sobre dois princípios fundamentais distintos. O parcelamento do trabalho: (decomposição do processo do trabalho do operário) e a especialização do operário: (fixação do trabalhador num segmento do processo de trabalho), (...).

Nessa forma, o processo de trabalho não sofre modificações profundas. Essencialmente manual, o trabalho ainda depende em grande parte da habilidade e da força do produtor direto. O trabalhador perde a visão de conjunto da totalidade do processo de trabalho, mas ainda conserva uma dose importante de domínio sobre o mesmo. (...).

Com a grande indústria, a mecanização da produção provoca uma simplificação do trabalho do operário, tornando-o menos dependente da habilidade do trabalhador. (...). Com efeito, segundo Marx, são essencialmente duas as categorias que compõem doravante o trabalhador coletivo da grande indústria. O operador da máquina e seu auxiliar (geralmente uma criança). Por outro lado, um grupo reduzido de pessoa altamente qualificado (de manutenção e reparação, técnicos, engenheiros, etc.).

Se desenvolve e tende a centralizar os conhecimentos relativos aos processos produtivos. (...). Para Marx (1991), o maquinismo aprofunda o processo de separação entre o trabalho de concepção e o trabalho de execução iniciando com a cooperação simples, com vistas a quebrar a autonomia (e poder) que o controle do saber-fazer relativo ao processo de trabalho, conferia no operário (Nogueira 1993).

## **MARXISMO**

Marx (1991), tem como princípio básico em seus escritos a luta de classes. Sabemos bem que no “Manifesto Comunista”, no capítulo “Burguesia e proletariado”, o autor diz que:” a história da humanidade é a história da luta de classe”. (...) “Isto está relatado no Manifesto Comunista, uma das maiores obras primas da humanidade, e o livro básico para o intelectual que se denomina marxista”.

As ideias da teoria marxistas que compõem a corrente historiográfica que para alguns intelectuais são denominado Materialismo Histórico e Dialético. O material ou a mercadoria é um meio (instrumentos) de relação entre os seres humanos, são os materiais que intermediar as relações entre os seres humanos ao longo da história.

Mundo capitalista este que teve sua origem desde século XV na Europa como surgimento das feiras de burgos com a crise do sistema feudal como escreveu Karl Mark na “ideologia alemã” (2010)

A forma pela qual os homens produzem seus meios de vida depende, sobretudo, da natureza dos meios de vida já encontrados e que eles precisam produzir. Não se deve, porém, considerar tal modo de produção de um único ponto de vista, ou seja, a reprodução da existência física dos indivíduos. Trata-se muito mais uma forma determinada de atividade dos indivíduos, de uma forma determinada de manifestar sua vida, um modo de vida determinada. Da maneira como os indivíduos manifestam sua vida, assim são eles. O que eles são coincide, portanto, com sua produção, tanto com o que produzem como com o modo como produzem. O que os indivíduos são, por conseguintes, depende das condições materiais de sua produção (p.44)

Outra questão que não podemos deixar de levar em conta é a vida política de Marx e seu engajamento em relação às suas próprias ideias. Os debates políticos de Marx começam a partir de seus contatos com textos de seu grande amigo Frederik Engels, onde debatia os chamados hegelianos de direita ou de esquerda, isso durante sua estada em Berlim (1837 -1841), e o segundo debate entre a concepção de Engels sobre o liberalismo econômico da época. Marx tem atuações políticas e filosóficas quando praticamente é obrigado a se mudar para França, devido à perseguição política de seu grupo filosófico. Ainda sim, sofre perseguição política por sua atuação junto a artigos políticos publicados. Como está no livro “para compreender a ciência” (2012).

“Mais uma vez, por razões políticas, Marx foi obrigado a mudar de país: foi à Bélgica (Bruxelas), onde permaneceu até 1848. Durante este período, Marx e Engels desenvolveram intensa atividade intelectual e política: participaram da liga dos comunistas, para a qual escreveram o Manifesto Comunista.” (p.395)

Vamos só lembrar que, neste mesmo ano (1848) Marx, publica “A ideologia alemã”, “O manifesto comunista”, retorna à Alemanha e funda a “Nova gazeta Renana”, que é fechada ano seguinte, mais uma vez por perseguição política, onde se muda novamente de país e vai para Londres, Inglaterra, onde morre em 1883. Marx atuou também na Comuna em Paris, em 1875, ou até mesmo a organização dos operários, dos trabalhadores, em 1864. Por essas atuações políticas coloco o marxismo (materialismo histórico) como referências para uma proposta educacional, onde tenha por finalidade a emancipação da consciência política dos alunos.

### **O Homem Unilateral.**

A divisão do trabalho em manual e intelectual conduz o homem a uma unilateralidade o trabalhador manual, operário e o intelectual.

Para Marx a unilateralidade, reúne todas as determinações negativas, da pessoa humana, e é o oposto da unilateralidade, que reúne todas as perspectivas positivas da pessoa humana. Continuando com Marx, (1994)

“o trabalho produz deformidade, imbecilidade, cretinismo no operário, que se torna um objeto estranho e desumano, no qual nenhum dos sentidos existe mais e que não apenas não mais as necessidades

humanas, mas em que também as necessidades animais cessam, pois se tornou um ser insensível e sem necessidades”.

A unilateralidade, segundo Marx (1994), vale também para o capitalista: “em primeiro lugar, deve-se observar que tudo que se manifesta no operário como atividade de expropriação, alienação, se manifesta no não-trabalhador como estado de apropriação, de alienação”, e a monstruosidade, a imoralidade, o helotismo, são conjuntamente dos operários e dos capitalistas.

Para combater a alienação humana, está a exigência da unilateralidade, de um desenvolvimento total, completo, multilateral, em todos os sentidos das faculdades e das forças produtivas, das necessidades e da capacidade da sua manifestação. Segundo Manacorda (1992), o termo unilateral aparece nos manuscritos de 1844, quando Marx (1994), diz que “o homem se apropria de uma maneira unilateral do seu ser unilateral, portanto como homem total”.

A unilateralidade é, portanto, a chegada histórica do homem a uma totalidade de capacidades produtivas e, ao mesmo, a uma totalidade de capacidade e consumo e prazeres, em que se deve considerar sobre o gozo daqueles bens espirituais, além dos materiais, dos quais o trabalhador tem estado excluído em consequência da divisão do trabalho.

O homem unilateral que Marx (1994), propõe, superior ao homem existente, livrar-se-á da estreita esfera do trabalho dividido por meio da unidade de trabalho e ensino; a reunificação das estruturas da ciência com as da produção, um ensino tecnológico que fosse ao mesmo tempo, teórico e prático.

### **Marx e o estado.**

Para as ideologias marxistas, o estado é uma instituição de organização burguesa onde, seu funcionamento visa privilegiar as classes dominantes, que controla o estado para seu próprio benefício, assim como as classes operárias a partir do sistema capitalista, onde oferece o mínimo necessário para sua manipulação para o controle social desta classe operaria. Não podemos aqui ressaltar os ganhos da classe dominante e seu controle do estado sem falarmos sobre as teorias iluministas.



O movimento iluminista tem seu desenvolvimento durante o século XVIII principalmente nos países desenvolvidos da Europa, como França e Inglaterra. O Iluminismo é um movimento intelectual patrocinado pela burguesia do século XVII e XVIII, tinha como princípio desenvolver argumentos para controlar o estado, que estava sendo administrado pelo monarcas absolutistas.

No entanto, este movimento estava extremamente ligado à expansão no capital, onde as primeiras fábricas começam a caminhar nos países mais ricos. Isso não ficava restrito ao continente Europeu, chegava a suas colônias também. Portanto, até os dias atuais a burguesia está no controle estatal exercendo forte controle em todos os aspectos.

Uma destas maneiras de controle é o não desenvolvimento da emancipação política nas salas de aulas das escolas públicas, pois as classes burguesas têm o controle do estado e naturalmente destas instituições. Que demonstra no livro 'O Marxismo e o estado' organizados por textos de vários autores como de Norberto Bobbio, (2002):

Uma vez definido o estado como os instrumentos de domínio da classe dominante não faziam outra coisa que extrair a consequência lógica das suas premissas: de fato o critério fundamental, com base no qual a tradição precedente havia distinguido as formas boas das más, era como se os detentores do poder governassem para o bem de todos ou para o próprio bem. ( p.28)

Talvez um estado "ideal" para um marxista fosse um estado democrático socialista representativo, na qual os membros desta democracia sejam reconhecidos como sujeito histórico e indispensável, dentro do estado, e que nunca considere um acima do outros por diferenças sociais e econômicas. Mas que o estado consentisse que o indivíduo é como órgão do grande corpo que é o estado, e o todo precisa contribuir para o funcionamento desde corpo. Portanto, para esta finalidade o estado precisa desenvolver nos indivíduos noções de políticas coletivas, estes elementos só serão construídos a partir de uma educação para emancipação da consciência e para as relações sociais harmônicas.

## **A democracia e o estado**

Podemos colocar, em poucas palavras, que a democracia tem em sua essência a busca da igualdade entre os seres da sociedade, onde as decisões possuem as mesmas medidas, mas não o mesmo interesse. Um cidadão da classe operaria (baixa) vai exercer sua cidadania sem uma consciência política, e os cidadãos das classes dominantes, em sua grande maioria, se dispõem de todos os recursos para a consciência política. Pois os níveis de acesso à educação são de diferentes qualidades e históricos de vida são diferenciados. O outro caminho possível para a formação política seriam os sindicatos; no entanto, sua burocracia sindical não viabiliza a formação política da classe operária, ou mesmo o domínio dos sindicatos por grupos burgueses.

Sabemos que dentro do estado capitalista burguês é muito difícil este desenvolvimento de sociedade e principalmente no espaço de escolas administradas pelas classes privilegiadas. Assim, pensar em uma sociedade igualitária passamos a imaginar uma sociedade socialista, onde todos partem dos mesmos princípios econômico e escolar,

Naturalmente, é essencial para a revolução socialista conseguir passar da igualdade formal à igualdade real e, se quiser, do direito igual ao direito desigual. Mas este não pode deixar de ser um processo assaz longo (a menos que deixe no ar cada distinção entre a fase socialista, ou da transição e a fase comunista). Por outro lado, a passagem do direito desigual (que é antes, note-se, passagem para as formas de auto direção igualitária da comunidade sem coação) não pode acontecer de um golpe em cada campo. Isto abalaria os processos judiciários formais e as garantias formais, muito antes que a transformação social tivesse obtido uma profundidade tal a ponto de tornar-se “supérfluo” cada direito.” (Idem, pg. 61)

O socialismo que Karl Marx sonhou é aquele que, neste momento do estágio capitalista parece se mostrar impossível para os intelectuais mais oportunistas; entretanto, outros têm a certeza de que ainda pode ser tornar real, não é um sonho, mas sim uma meta, uma luta. O socialismo que escrevo neste artigo é o socialismo sem classes, onde o trabalho individual seja para o bem comum da sociedade. É exatamente aquele socialismo que as misérias não existem, onde as propriedades privatizadas sejam um bem comum a todos, onde tudo é de todos, e nada é de ninguém.

## **Karl Marx e educação**

Para os materialistas dialéticos e históricos, a escola já é um aparelho ideológico do estado, que tem como pano de fundo a ideia da reprodução das classes dominantes. A própria escola tem seus aparelhos ideológicos como o currículo, livros didáticos, caderno do aluno e outros aparelhos ideológicos.

Como relatou Paulo Freire (2006) e Karl Marx (1999)

Esta dimensão crítica da consciência explica as finalidades de que as ações transformadoras dos seres humanos sobre o mundo estão impregnadas, porque são capazes de prever o resultado de sua ação ainda antes de iniciada. São seres que projetam, deixa claro Marx em o capital (p.81)

As declamações burguesas sobre a família e a educação, sobre os doces laços que unem a criança aos pais, tornam-se cada vez mais repugnantes à medida que a grande indústria destrói todos os laços familiares do proletário e transformam as crianças em simples objetos de comercio, simples instrumentos de trabalho. (p 37)

Para a concepção materialista histórica, a emancipação da consciência passa diretamente pela escola, pois a produção do conhecimento lá é desenvolvida. Deveria ser um espaço de sociabilização, espaço comum entre os seres. Na contemporaneidade, a escola é um espaço de opressão que para o educando são negados os conhecimentos históricos desenvolvidos pela humanidade, de conteúdos que não são relevantes para sua formação, como cidadão crítico politizado.

Assim, a escola tem como seu princípio as ideologias dos opressores, e não leva em consideração os meios sociais em que os alunos vivem, onde eles não reconhecem a escola como um espaço de formação da consciência crítica para emancipação política. Como Paulo Freire (2006) relatou em um dos seus textos críticos sobre educação:

Quem melhor que os oprimidos, se encontrara preparado para entende o significado terrível de uma sociedade opressora? quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? quem melhor que eles para compreender a necessidade da libertação? libertação a que não chegarão por acaso, mas pela práxis de sua busca pelo conhecimento e reconhecimento necessário da necessidade da lutar por ela (p31)

Os professores são uma classe oprimida, de um sistema de ensino que lhe oferece poucas condições de trabalho. Seu trabalho está sendo realizado para agradar aos opressores. Os professores devem buscar a reflexão em sua prática docente e saber do seu compromisso social com o despertar da consciência emancipadora e crítica em seus pupilos (alunos), pois os professores, a partir de sua formação intelectual, têm que dirigir seus estudos para educar para a democracia e para a humanidade. Assim, a formação marxista se torna extremamente importante ao professor que pretende praticar a educação voltada para a democracia e para a formação da consciência crítica. Como escreveu Adorno (2011)

As tendências de apresentação de ideias exteriores que não se originam a partir da própria consciência emancipada, ou melhor, que se legitimam frente a essa consciência, permanecem sendo coletivas-relacionárias. Elas apontam para uma esfera a que deveríamos nos opor, não só extremamente pela política, mas também em outros planos muito mais profundo (p 143)

Em suma, os adeptos do materialismo histórico buscam uma conscientização de toda esfera educacional sobre sua condição e busca do despertar de consciência crítica, e do seu reconhecimento como ser oprimido. Segundo estágio chegando à libertação, e não ser adepto da cultura pedagógica dos opressores. Para se libertar dos opressores, os oprimidos precisam conhecer os opressores.

A escola tem que ser um espaço deste despertar de consciência de atitude diante das barbáries das classes opressoras, como diria o sociólogo brasileiro Florestan Fernandes: “feita a revolução na escola, o povo, a fala nas ruas”. A transformação tem que se iniciar dentro do ambiente escolar como um espaço democrático, onde o aluno se reconheça como agente principal do saber. Tem que ser um ambiente que condiz para seu despertar da consciência política emancipatória.

Só existem duas opções para a implantação do materialismo histórico na escola básica. A primeira opção seria a substituição deste partido (PSL) de direita, por um partido de esquerda, esquerda não de discurso, mas esquerda revolucionária, aquela esquerda voltada para a população, aquela ideologia de

esquerda que tenha em seu maior objetivo a emancipação da consciência coletiva em busca da solução social e política.

A segunda opção seria o reconhecimento da sociedade através de sua própria necessidade, ou até mesmo, um olhar crítico para seu cotidiano, e junto organizar movimentos coletivos para transformar seu ambiente, e assim a escolha de melhores partidos, de preferência aqueles que defendam políticas curriculares educacionais que dê privilégios para as camadas sociais menos favorecidas, em que desperte a consciência coletiva para a emancipação política.

Tenho plena consciência que para atingir este nível de consciência coletiva a educação seja o instrumento fundamental para chegarmos até a emancipação política. Assim será possível, através dos professores, que, em sua maioria atuam na rede pública da educação básica e são oriundos da classe trabalhadora. Esses professores devem defender a emancipação da consciência coletiva política do educando, sua principal formação seria exatamente suas lições aprendidas na prática pela sua origem humilde. E como diz Paulo Freire na sua *Pedagogia da Autonomia* (1997):

Outro saber de que não posso duvidar um momento sequer na minha prática educativa crítica é o de que, como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que, além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos, implica tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento. (pg. 110)

Então o professor que educar para emancipação da consciência política em primeiro plano, tem que partir da realidade do seu educando, questionando a realidade que está mais próxima dos alunos, como um esgoto a céu aberto, uma rua sem asfalto com buraco ou mesmo uma cadeira quebrada na escola e etc., e identifica para os alunos, que todas estas condições passam por vontades das políticas de seus governantes. Assim, se começaremos a construir a emancipação a partir da realidade.

No entanto, para esta transformação, naturalmente precisamos de modificação mais profunda do currículo, um currículo, onde busque mostrar para os alunos seu papel social e político frente a estas transformações para que

estes venham a ser protagonistas dentro de uma educação emancipatório e político.

### **A proposta de União entre Ensino e Trabalho nos textos de Marx**

Manacorda encontra formulações “explicitas” de uma crítica e de uma perspectiva pedagógica nos texto de Marx. Ele capta essas informações em três momentos que correspondem à ocasião da redação de três programas políticos: No Manifesto do Partido Comunista (1848), nas Instruções aos Delegados do I Congresso da Associação Internacional dos Trabalhadores (1866) e na chamada crítica ao programa de Gotha (1875).

No manifesto, Marx cita como décima medida, a seguinte: Ensino público e gratuito a todas as crianças. Abolição do trabalho das crianças nas fábricas em sua forma atual. Unificação do ensino com a produção material.

Nas Instruções aos Delegados do I Congresso da Associação Internacional dos Trabalhadores, Marx delinea uma autentica e pessoal definição do conteúdo pedagógico do ensino socialista. Por ensino entendemos três coisas:

- Primeira, (Ensino intelectual);
- Segunda, (Educação Física, dada nas escolas através dos exercícios militares);
- Terceira, (adestramento tecnológico, que transmita os fundamentos científicos de todos os processos de produção e que, ao mesmo tempo, introduzia a criança e ao adolescente no uso pratica, e na capacidade de manejar os instrumentos elementares de todos os ofícios).

Com a divisão das crianças e dos adolescentes dos 9 aos 17 anos em três classes deveria estar vinculado um programa gradual e progressivo de ensino intelectual, físico e tecnológico...

A união do trabalho produtivo remunerado, ensino intelectual, exercício físico e adestramento politécnico elevará a classe operária acima das classes superiores e médias.

No texto acima é importante destacar que o ensino tecnológico não absorve nem substitui a formação intelectual, e vice-versa. Não há detalhes quanto ao ensino intelectual, mas com relação ao ensino tecnológico aparece

especificado com a indicação do seu aspecto prático, “um e outro abrangendo unilateralmente os fundamentos científicos de todos os processos de produção e aspectos práticos de todos os ofícios”.

Nas notas à margem ao Programa do Partido Comunista Operário Alemão, mais conhecido como Crítica ao Programa de Gotha, Marx examina as formulações propostas pelo programa de unificação dos dois partidos operários alemães e retifica a necessidade do vínculo precoce entre trabalho produtivo e o ensino, a exigência de escolas técnicas, com seu duplo conteúdo teórico e prático.

Nogueira (1993) , ao iniciar sua explicitação sobre o vínculo orgânico entre ensino e trabalho produtivo, faz questão de definir claramente o que vem a ser trabalho produtivo em Marx. Para ela, Marx designa por trabalho produtivo todo e qualquer trabalho que tenha por resultado em produto, ao contrário da aceção de trabalho produtivo no capitalismo, que determina por produto todo trabalho capaz de produzir mais-valia.

Nogueira(1993) também salienta que essa educação em associação com o trabalho não se confunde com a simples imitação da produção matéria, recriada fora do verdadeiro contexto da produção. Ao contrário, ela deveria se realizar na própria dinâmica do processo social de produção.

Aos passos de Manacorda, Nogueira percorre cronologicamente o manifesto, as Instruções até chegar ao Programa de Gotha, passando também por “O capital”.

Aos olhos de Nogueira, a partir das Instruções os textos de Marx sobre a educação e ensino têm por alvo a sociedade tal qual ela se apresentava organizada naquele momento. As Instruções visam antes de tudo, preservar a infância e a juventude operárias dos efeitos perversos, para a saúde física e mental, das condições de trabalho que lhe eram impostas. É nas Instruções, segundo Nogueira, que a concepção educativa de Marx se encontra exposta de modo mais explícito, representando o mais completo escrito de Marx sobre o assunto.

A proposta de União de ensino e trabalho em Marx nada tem a ver com a educação politécnica burguesa cujo sentido é de tornar o operário capaz de se adaptar às injunções de evolução tecnológica.

Para Nogueira, esta ideia (de união do ensino com o trabalho), é, antes de tudo, uma tese política; é a luta de classe operária pelo acesso à cultura técnica. Segundo Marx e Engels, a luta pelo saber relativo à atividade produtiva representa uma dimensão importante na luta de classes porque atinge em cheio a questão de poder interior da fábrica. São os conhecimentos técnicos necessários à compreensão do processo de produção no seu todo que permitirão aos trabalhadores controlar esse processo.

O que significa que o controle do saber dentro da fábrica constitui o ponto nevrálgico do controle do processo de trabalho pelos trabalhadores. A educação se torna uma arma que a princípio fornece o saber, e que possibilita o controle ao processo de produção dos conhecimentos científicos e técnicos.

A combinação dos estudos teóricos com a prática do trabalho na fábrica é condição básica para o começo do solapamento da divisão do trabalho que por sua vez leva à superespecialização e à unilateralidade do homem.

### **O conteúdo do Ensino.**

Manacorda (1992), pinça das instruções a tese de Marx sobre o conteúdo do ensino escola:

“Materiais que permitem uma interpretação de partido ou de classe que como a economia política e a região, permitem conclusões diferentes não devem ser admitidas nas escolas de qualquer grau. Nas escolas, devem-se ensinar matérias como as ciências naturais e a gramática, que não variam quando ensinadas por um crente ou por um livre pensador; todo o resto, os jovens devem assimilar da própria vida, o contato direto com a experiência dos adultos”. (p.00)

Para Manacorda (1992), Marx (1978) objetiva excluir do ensino toda propaganda, todo conteúdo que não seja uma aquisição imediata de saber; objetiva construir um ensino rigoroso de nações técnicas.

Mas como fica o ensino intelectual; tudo aquilo que não é imediatamente útil, instrumental, operativo? Manacorda entende que Marx une a estrutura de escola à necessidade social de produzir a vida, ao “reino da necessidade”. E que além dele começar o desenvolvimento das capacidades humanas, que é um fim em si mesmo, o verdadeiro “reino da liberdade”.



Sobre o ensino geral, ensino mental ou intelectual não há nem em Marx nem em Engels (1978) um tratamento sistemático do assunto. Nogueira especula sobre a utilização do tempo livre (Reino da Liberdade) nos moldes de Manacorda.

Nogueira (1993) segue os três aspectos prescritos nas Instruções e os analisa separadamente. Cita a passagem em que Marx restringe o ensino às disciplinas que ele considerava como neutras (gramáticas e ciências naturais, por exemplo). Nogueira (1993) tece críticas sobre essa pretensa naturalidade ressaltando que por cima dela pode-se erigir certa mensagem ideológica.

Sobre a educação física, essa deveria considerar em “exercícios ginásticos e militares”. Marx visava com essa proposta à prevenção, ou pelo menos a correção das deformações ou outros efeitos nocivos causados pelas condições de trabalho impostas às crianças e adolescentes das fábricas. Por outro lado, a proposição de Marx de que a educação física fosse constituída por exercícios militares (para meninos) tem por objetivo a formação de milícias populares. “Nós propomos o armamento universal do povo e sua completa instrução no manejo de armas”. Com esses argumentos, Nogueira parece detectar um papel significativo nesse aspecto de ensino.

Sobre os estudos tecnológicos ou culturais, compreenderiam tanto as bases científicas dos procedimentos de produção (“os princípios gerais e científicos de todos os processos de produção”), quanto à aplicação da prática desses conhecimentos (“o manejo dos instrumentos elementares de todos os ramos industriais”).

Este ensino, como já foi dito anteriormente, deve ser teórico e prático. Isso significa que Marx pretende dotar o trabalhador de meios para que ele compreenda e avalie a sua atividade produtiva, ao invés da simples execução de uma operação precisa no seio do sistema produtivo, típico da manufatura e da indústria moderna.

Outra questão destacada por Nogueira (1993), é que o ensino tecnológico abrangeria os princípios de todos os processos de produção e de manejo dos instrumentos de todos os ramos da indústria, isso implica além do ensino teórico, no rodízio dos aprendizes da produção industrial.

Para Nogueira (1993), a contribuição original de Marx em relação aos conteúdos reside no plano de ensino da tecnologia, uma vez que, com relação ao ensino geral ou intelectual ele pouco ou quase nada tenha acrescentado.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente artigo buscou propiciar possíveis contribuições do materialismo histórico e dialético para educação básica. Pensando em uma educação voltada para o despertar crítico da política e emancipatória. Passado pela necessidade dos alunos no debate contemporâneo político, não esquecendo do papel do professor e do estado no processo.

Após esse trabalho posso afirmar que existe uma contribuição significativa de Marx para a questão educacional. Apesar de não existir obra alguma sua que trate especificadamente do tema educação e ensino, suas citações e trechos esparsos ao longo de suas obras apresentam consistência e coerência interna.

A contribuição de Marx (1978), para a questão da educação e do ensino se funda na crítica à sociedade capitalista emergente, no momento exato em que a Revolução Industrial inunda a sociedade com os seus efeitos mais maléficos: a exploração de crianças e mulheres, inclusive; a degeneração completa da sociedade, subjugada pelo lucro incessante do capital.

Em termos de conteúdo pedagógico a contribuição deixa a desejar, principalmente no que se refere ao ensino intelectual. Sua grande tese é a vinculação orgânica entre ensino e trabalho produtivo, o domínio da teoria e da prática em todos os processos e em todos os ramos do processo produtivo. Resta saber se com a dinamização da indústria moderna, sua complexidade, e com o crescimento do setor terciário, se torna viável e exequível a proposta do ensino tecnológico tal como define Marx.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor. **Educação e emancipação**. Tradução, Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

Althusser, Louis, 1918-**Aparelho ideológico de estado: nota sobre os aparelhos ideológico de estado**(AIE)/Louis Althusser; tradução de Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro: introdução crítica de José Augusto Guilhon Albuquerque-Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985, 2ed.

BEAUD, Michael. **História do Capitalismo de 1500 até nossos dias**. São Paulo, Brasiliense, 1989.

Bobbio, Norberto, 1909-**Igualdade e liberdade**/Norberto Bobbio; tradução de Carlos Nelson Coutinho-5ed-Rio de Janeiro; editora 2002.

\_\_\_\_\_**O futuro da democracia**, tradução de marco Aurélio Nogueira-São Paulo; Paz e terra, 2000.

\_\_\_\_\_**Estado, governo, sociedade**; por uma teoria geral da política; tradução Marco Aurélio Nogueira-Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

\_\_\_\_\_**igualdade e liberdade** tradução Carlos Nelson Coutinho ,5 ed Rio de Janeiro Ediouro 2002.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

\_\_\_\_\_**Ação cultural para a liberdade e outros escritos**, 9ª, Paz e terra. (O mundo, hoje, v. 10)

\_\_\_\_\_. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979 Coleção Educação e Comunicação Vol. 1.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

CANÊDO, Letícia Bicalho. **A Revolução Industrial**. São Paulo: Atual, Campinas: Ed. UNICAMP, 1987.

Iasi, Mauro Luis. **Ensaio sobre consciência e manipulação**/Luis Mauro Iasi-2.ed- São Paulo: Expressão Popular, 2011.176p

IANNI, Octavio (org.). **Marx - Sociologia**. São Paulo, Ática, 1988.

KUENZER, Acácia. **Ensino 2º grau: Trabalho como princípio educativo**. São Paulo, Cortez, 1988.

LANDES, D. S.. **Prometeu Desacorrentado – Transformação tecnológica e desenvolvimento industrial na Europa Ocidental desde 1750 até a nossa época**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1994.

Libâneo, José Carlos- **didática São Paulo**: Cortez ,1994, (coleção magistério .2 grau formação do professores)

MACHADO, Lucília Regina de Souza. **Politecnia, Escola Unitária e Trabalho**. São Paulo, Cortez – Autores Associados, 1991.

MANACORDA, M. A. **História da Educação**. São Paulo, Cortez – Autores Associados, 1992.

\_\_\_\_\_. **Marx e a Pedagogia Moderna**. São Paulo, Cortez – Autores Associados, 1991.

MARX, K. **O Capital**. Cap. 13: “A Maquinaria e a Indústria Moderna”. Vol.1, Livro I, Tomo II, São Paulo, Abril Cultural, 1984.

\_\_\_\_\_. **Trabalho Assalariado e Capital**. Coleção Bases – nº 27. Global Editora.

MARX, K. e ENGELS, F.. **Crítica da Educação e do Ensino**. São Paulo, Ed. Moraes, 1978.

\_\_\_\_\_. **A ideologia Alemã**, São Paulo, Martin Claret, 2010 (coleção obra prima de cada autor)

\_\_\_\_\_. **Manifesto comunista**, São Paulo, Martin Claret, 2001 (coleção obra prima de cada autor)

\_\_\_\_\_. **Textos sobre Educação e Ensino**. São Paulo, Ed. Moraes, 1992.

NOGUEIRA, Maria Alice. **Educação, Saber, Produção em Marx e Engels**. São Paulo, Cortez, 1993.

OLIVEIRA, Carlos Roberto de. **História de Trabalho**. São Paulo, Ática, 1991.

**Para compreende a ciência: uma perspectiva histórica**/Maria Amália Pie Abib Andery...etal.Rio de janeiro:Garamond,2002.

SALM, Claudio L. **Escola Trabalho**. São Paulo, Brasiliense, 1980.